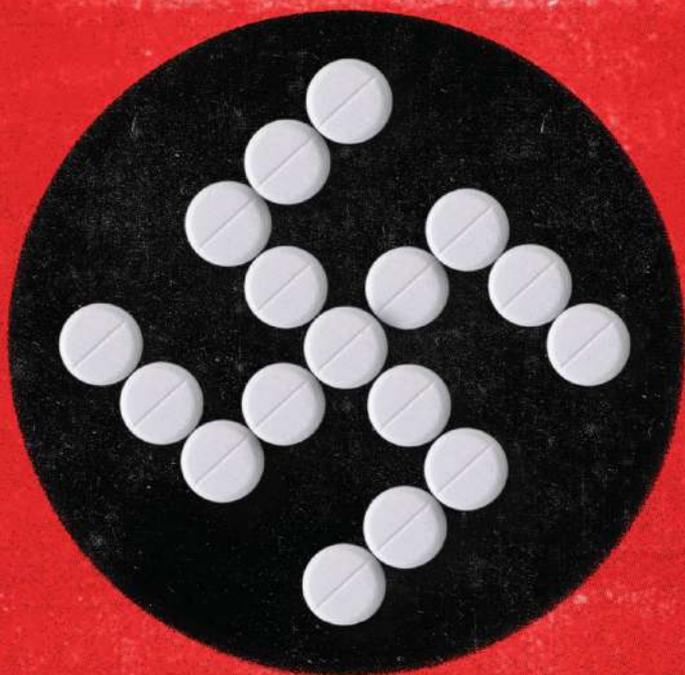


Norman Ohler

«Um livro verdadeiramente extraordinário.»

BBC NEWS



DELÍRIO TOTAL

HITLER E AS DROGAS
NO TERCEIRO REICH

v o g a i s

ÍNDICE

Prólogo: como usar este livro	15
-------------------------------------	----

PARTE I

Metanfetamina: A droga do povo (1933-1938)	19
<i>Breaking Bad</i> : A cozinha da droga na capital do Reich	22
Um prelúdio no século xx: a mãe de todas as drogas	25
Alemanha, o país das drogas	28
A química dos anos vinte	30
Muda o poder, muda a droga	35
A política antidroga como política antissemita.....	39
O médico dos famosos da Kurfürstendamm.....	42
O cocktail na seringa do Paciente A	47
A nova droga: a pervitina	50

PARTE II

<i>Sieg High!</i> : A metanfetamina como combustível da <i>Blitzkrieg</i> (1939-1941).....	63
Investigando no Arquivo Militar de Freiburg.....	66
O Exército alemão descobre uma droga alemã.....	67
Do pão integral à alimentação para o cérebro	69
Robôs.....	75
Esgotamento	79
Tempos modernos	90
A guerra do tempo	91
«Não com um dedo mas com o punho todo»	93
A <i>crystal meth</i> como arma	97
A raposa da pervitina	99
Como Hitler desistiu da <i>Blitzkrieg</i>	102

A ordem de paragem (uma interpretação farmacológica)	105
O <i>dealer</i> da Wehrmacht	110
Guerra e vitaminas	116
Com a cabeça no ar	119
O comprimido da coragem	126

PARTE III

<i>High Hitler!</i> : O Paciente A e o seu médico pessoal (1941-1944)	131
Uma visita aos Arquivos Nacionais de Washington	136
A mentalidade de <i>bunker</i>	139
O delírio oriental	148
O testemunho de um ex-oficial médico	151
Planeta Lobisomem	153
O matadouro da Ucrânia	160
«X» e o alheamento total da realidade	168
Bebendo o néctar dos deuses: o <i>Eukodal</i>	174
A droga e os serviços secretos	180
O Paciente D	181
O Paciente B.....	184
O atentado e as suas consequências farmacológicas	192
A cocaína, finalmente!	195
<i>Speedball</i>	201
A guerra dos médicos	205
A autodestruição	214
O <i>superbunker</i>	216
O «fecho-éclair»	221
A questão da culpa	225

PARTE IV

Os últimos delírios: sangue e drogas (1944-1945)	229
Na Academia Médica das Forças Armadas (Munique)	233
Em busca da droga milagrosa	235
Uma viagem de serviço a Sachsenhausen	243
A patrulha dos comprimidos	246

Por água abaixo	250
Lavagem ao cérebro	253
O crepúsculo dos novos deuses	256
Última estação: <i>Führerbunker</i>	261
Despedido	268
O veneno final	269
A implosão de Morell	271
O delírio dos mil anos	274
Agradecimentos	277
Posfácio de Hans Mommsen: O nacional-socialismo e a perda da realidade política	279
Notas	281
Bibliografia	306
Lista de ilustrações.....	317

«Um sistema político que tende para o declínio
faz instintivamente tudo o que pode para acelerar
esse declínio.»

JEAN PAUL SARTRE

PRÓLOGO: COMO USAR ESTE LIVRO

Deparei-me com os documentos em Koblenz, no ambiente austero do Arquivo Federal, num edifício de betão da década de 1980, e o espólio de Theo Morell, o médico pessoal de Hitler, já não me deixou desde então. Folheei várias vezes o seu diário, uma coletânea de notas crípticas que se referem todas a um doente seu, designado por «Paciente A». Tentei decifrar com uma lupa a letra quase ilegível. As páginas estavam repletas de garatujas e apareciam muitas vezes apontamentos como «Inj. w. i.» ou, simplesmente, «X». Gradualmente, fui percebendo que se referiam a injeções diárias, substâncias estranhas e dosagens que iam sempre aumentando.

QUADRO CLÍNICO

Todos os aspetos do nacional-socialismo estão esclarecidos. O nosso ensino da História não apresenta lacunas e os nossos meios de comunicação social não deixam lugar a dúvidas. O tema foi abordado até ao mais ínfimo dos pormenores e por todos os ângulos. A Wehrmacht é a força militar mais estudada de todos os tempos. Não há verdadeiramente nada que, com o passar do tempo, julgamos não saber. O Terceiro Reich parece hermético. Cada tentativa feita para tentar trazer qualquer coisa nova à luz do dia parece forçada, talvez mesmo ridícula. E, realmente, não sabemos nem compreendemos tudo.

DIAGNÓSTICO

É surpreendentemente pouco o que se conhece sobre o uso de estupefacientes no Terceiro Reich, não apenas na opinião pública, mas

também entre os historiadores. Há trabalhos setoriais publicados, científicos e jornalísticos, mas, até agora, nenhum deles ofereceu uma visão de conjunto¹. Faltava uma abordagem mais geral e mais factual da forma como as drogas deixaram marcas nos acontecimentos ocorridos no estado nacional-socialista e nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. Se não compreendermos o papel dessas substâncias estimulantes no Terceiro Reich nem procurarmos conhecer os estados de consciência com elas relacionados, estaremos a deixar que alguma coisa nos passe ao lado.

O facto de, até hoje, não se ter prestado a devida atenção à influência das substâncias capazes de alterar a consciência, no capítulo mais sombrio da História alemã, tem que ver com o conceito nacional-socialista da «luta antidroga», que introduziu mecanismos estatais de controlo sobre essas substâncias farmacológicas e que criou um tabu em torno delas. Por isso, elas desapareceram do campo visual objetivo das ciências — no meio universitário não existe, até hoje, nenhum estudo completo sobre este assunto —, da vida económica, da consciência pública e da observação histórica, e foram relegadas para o canto sujo da má reputação, da economia clandestina, da contrafação e do conhecimento superficial.

No entanto, é possível encontrar um remédio para isto e procurar uma interpretação dos acontecimentos que esclareça todas as circunstâncias, que esteja comprometida com o trabalho artesanal e que, em vez de lançar teses ousadas (que não fariam justiça à realidade histórica e à sua fria crueldade), esteja ao serviço de uma investigação pormenorizada dos factos históricos².

CONTEÚDO

Este livro entra na pele de assassinos em massa ávidos de sangue e de um povo obediente que era necessário limpar de todo o veneno, racial ou outro, penetrando nas suas veias e artérias. Nelas não corria a pureza ariana mas sim a química alemã, por sinal bastante tóxica. E isto porque, onde a ideologia já não conseguia chegar, e apesar de

todas as proibições, dava-se uma ajuda com substâncias farmacológicas excitantes e estimulantes, que não eram reprimidas, tanto na base como no topo. Hitler também fez o mesmo, tal como as próprias Forças Armadas, que recorreram, em grande dimensão, à substância estimulante metanfetamina (hoje conhecida como *crystal meth*) para as suas campanhas de conquista. Na sua manipulação das drogas, esses criminosos mostraram uma hipocrisia cuja revelação esclarece agora aspetos decisivos do que fizeram. Caiu uma máscara que nunca pudemos saber que existia.

PERIGOS DURANTE A LEITURA

A investigação pode levar à tentação de atribuir um maior significado ao que se vê pelos olhos deles e, desse modo, construir uma nova lenda histórica. Por isso, é necessário ter presente que a historiografia nunca é apenas ciência: também é ficção. Uma obra de não-ficção não existe, num sentido restrito, numa área como esta, até porque a própria classificação dos factos é, por si, um processo criativo, apoiando-se em geral em modelos interpretativos com influências culturais externas. Ter a consciência de que a historiografia é, nos melhores casos, literatura, diminui o perigo da ilusão durante a leitura. O que aqui se apresenta é uma perspetiva não convencional e desviante, com a esperança de que esse desvio permita muitas vezes saber mais. A história alemã não é reescrita nem alterada nestas páginas. Mas, na melhor das hipóteses, é, num dos seus domínios, contada com maior precisão.

EFEITOS SECUNDÁRIOS

Este preparado pode causar efeitos secundários, que poderão diferir de caso para caso. Podem ser muito frequentes: alterações na visão do mundo, provocadas por irritação do cérebro, muitas vezes associadas a náuseas ou dores de estômago, afeções que costumam ser ligeiras e desaparecer com a continuação da leitura. Podem ser ocasionais:

NORMAN OHLER

reações de hipersensibilidade. Muito raros: perturbações sérias e continuadas da percepção. Como contramedida, recomenda-se a continuação da leitura até ao fim, para obter na sua totalidade o efeito de eliminação da ansiedade e da angústia.

CONSERVAÇÃO

Este livro não é recomendável a crianças. A data de validade está sujeita ao desenvolvimento da investigação e da pesquisa.

PARTE I

**METANFETAMINA: A DROGA DO POVO
(1933-1938)**

O nacional-socialismo foi literalmente tóxico. Deixou ao mundo uma herança química que ainda hoje nos afeta, um veneno que desaparecerá com dificuldade. Se bem que os nazis se tenham apresentado como pessoas saudáveis, promovendo uma política anti-droga severa com pompa propagandística, penalidades draconianas e base ideológica, durante a época de Hitler, houve uma substância especialmente pérfida, particularmente potente e viciante que se tornou um produto popular. Apresentado legalmente sob a forma de comprimidos e com a marca e designação comercial *Pervitin*, este produto teve um êxito fenomenal em todo o império alemão na década de 1930 e, mais tarde, também nos países da Europa ocupada, convertendo-se numa droga aceite na sociedade e disponível em todas as farmácias. Só a partir de 1939 é que passou a ser vendida com receita médica e, em 1941, foi abrangida pela Lei do Ópio do Reich.

O seu ingrediente, a metanfetamina, é hoje uma substância ilegal ou estritamente regulamentada¹, mas os seus cerca de 100 milhões de consumidores fazem dela um dos venenos preferidos dos nossos dias, numa tendência crescente. É fabricada em laboratórios clandestinos, muitas vezes por químicos amadores. Em geral, é adulterada e popularmente conhecida como *crystal meth*. A forma cristalizada da chamada «droga do terror» — quando aplicada em doses frequentemente elevadas e em geral por via nasal — goza de uma popularidade insuspeita em todo o mundo, incluindo a Alemanha, onde existem cada vez mais consumidores primários. Este estimulante, cujo impacto no organismo é perigosamente intenso, consome-se como droga recreativa e ainda com o objetivo de aumentar o desempenho intelectual e físico em locais de trabalho, como escritórios, parlamentos e universidades. Elimina a sensação de sono e de fome

e garante estados de euforia. Contudo, é, sobretudo na sua forma farmacêutica atual*, uma droga nociva, potencialmente destruidora e capaz de gerar dependência em passos rápidos. E quase ninguém conhece a sua ascensão no Terceiro Reich.

BREAKING BAD: A COZINHA DA DROGA NA CAPITAL DO REICH

À procura de pistas no século XXI: debaixo de um céu de verão limpo de nuvens, que se estende sobre instalações industriais e fileiras de casas de habitação que parecem clones, viajo no comboio suburbano para sudeste, para os arredores de Berlim. Para visitar as ruínas da empresa Temmler-Werke, o antigo fabricante de pervitina, tenho de descer no bairro de Adlershof, hoje considerado «o parque tecnológico mais moderno da Alemanha». Paro por instantes nesta espécie de *campus* universitário e, entre fábricas em ruínas, atravesso uma urbana terra de ninguém para entrar num terreno baldio, onde se veem ferros ferrugentos e o que resta de edifícios.

A Temmler-Werke estabeleceu-se aqui em 1931. Um ano depois, quando Albert Mendel, coproprietário judaico da Chemische Fabrik Tempelhof, foi expropriado, a Temmler ficou com a parte de Mendel e lançou-se numa expansão muito rápida. Os tempos iam de feição para as empresas químicas alemãs — ou, pelo menos, para as dos arianos, se estes fossem puros — e o setor farmacêutico já vivia uma época de desenvolvimento. Procuravam-se sem descanso substâncias novas e revolucionárias que aliviassem o homem moderno das suas dores e o afastassem das suas preocupações. Nos laboratórios, fizeram-se várias experiências e abriram-se os rumos farmacológicos que ainda hoje caracterizam o método de trabalho do setor.

* Em estado puro, a molécula psicoativa da metanfetamina é menos nociva do que as doses de *crystal meth* criadas em laboratórios clandestinos por amadores, que lhes adicionam produtos tóxicos como gasolina, ácido para baterias e anticongelante.



As instalações da Temmler-Werke na atualidade.

Da antiga fábrica Temmler, em Berin-Johannisthal, só restam ruínas. Nada recorda o passado próspero em que eram aqui produzidos milhões de comprimidos de pervitina por semana. As instalações já não são usadas e encontram-se desertas. Passo por um

parque de estacionamento abandonado, atravesso um matagal feito de arbustos que cresceram sem controlo e detenho-me junto a um muro onde puseram fragmentos de vidro partido para dissuadir os intrusos. No meio dos arbustos e dos fetos, ergue-se a antiga «casa da bruxa», de madeira, típica das histórias infantis, onde nasceu a empresa fundada por Theodor Temmler. Por trás de um frondoso amieiro, sobressai uma construção de tijolo, também votada ao abandono. Tem uma janela partida, abertura suficiente para eu poder entrar. Um corredor escuro e comprido percorre o interior do edifício, cujas paredes e tetos foram invadidos por bolor e têm manchas de humidade. Ao fundo, existe uma porta entreaberta. A tinta verde-clara da superfície sai às camadas. Abre-se para um ambiente mais claro, iluminado à direita pela luz do dia que entra pelas janelas industriais de chumbo, parcialmente arrancadas. No exterior, a vegetação é exuberante, mas no interior reina o vazio. Num canto, ficou um ninho de pássaros abandonado. As paredes têm azulejos brancos até ao teto alto e que se encontram parcialmente despedaçados. O teto é perfurado por respiradouros circulares.

Foi aqui o antigo laboratório do Dr. Fritz Hauschild, diretor de Farmacologia da Temmler entre 1937 e 1941 e autor da pesquisa de um novo tipo de medicamento, uma «substância potenciadora do desempenho». Esta é a primeira cozinha da droga do Terceiro Reich. Aqui, entre cadinhos de porcelanas, tubos de condensação em espiral e refrigeradores de vidro, afadigavam-se os químicos na criação do seu material puríssimo. Aqui crepitavam também as coberturas dos boiões bojudos em ebulição, expelindo com um silvo constante um vapor quente vermelho e amarelo, enquanto as emulsões emitiam os seus estalidos e as mãos dos químicos, enfiadas em luvas brancas, regulavam os percoladores. A metanfetamina nasceu assim. E com uma qualidade tal que nem nas suas melhores horas a ela chegaria o próprio Walter White, personagem de ficção da série de televisão norte-americana *Breaking Bad*, o cozinheiro da droga que transformou a *crystal meth* em símbolo estilizado dos nossos dias.

A expressão aqui usada — *breaking bad* — pode traduzir-se por «mudar de repente e começar a fazer o mal». Não seria um mau título para a história da Alemanha entre 1933 e de 1945.

UM PRELÚDIO NO SÉCULO XIX: A MÃE DE TODAS AS DROGAS

«A dependência voluntária é o estado mais belo.»

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Para podermos compreender a relevância histórica que esta e outras drogas tiveram no que aconteceu no estado nacional-socialista, devemos recuar ao século anterior. O desenvolvimento das sociedades modernas está tão ligado à origem e distribuição dos estupefacientes como a economia está ligada ao progresso tecnológico. Encontramos um ponto de partida em 1805, ano em que Goethe escreveu o seu *Fausto*, na Weimar classicista, enunciando pela poesia uma das suas teses, segundo a qual a própria gênese do ser humano teria sido influenciada pelas drogas: «modifico o meu cérebro, logo existo.» Ao mesmo tempo, na menos sofisticada Paderborn, na Vestefália, o ajudante de farmácia Friedrich Wilhelm Sertürner fazia experiências com papoilas, flor cujo suco espesso, o ópio, alivia a dor como nenhuma outra substância o consegue fazer. Assim, enquanto Goethe tentava perceber, pela via poético-dramática, o que é que mantinha a coesão do mundo no seu nível mais íntimo, Sertürner tentava resolver um problema concreto e milenar que afetava a espécie humana quase na mesma medida da perspectiva do primeiro.

O desafio concreto que se pôs a este químico genial de apenas 21 anos foi este: a concentração do princípio ativo presente no ópio pode variar em função das condições de crescimento da planta. Umhas vezes, o suco amargo da papoila não aliviava o sofrimento num grau suficiente e noutras obtinham-se sobredosagens não desejadas

e intoxicantes. Sem a ajuda de ninguém, tal como Goethe, que ia consumindo um láudano feito de vinho e ópio no seu estúdio de poeta, Sertürner fez uma descoberta sensacional: conseguiu isolar a morfina, o principal alcaloide do ópio, uma espécie de Mefistófeles farmacológico que transforma a dor em bem-estar quase por magia. Foi um ponto de viragem na história da farmacologia e um dos acontecimentos mais importante do início do século XIX, senão mesmo da história da humanidade. A dor, essa perturbadora companheira de viagem, podia finalmente ser mitigada, ou mesmo eliminada, com uma dose específica de morfina. As farmácias de toda a Europa, cujos boticários se haviam limitado até esse momento a fazer comprimidos prensados com as suas próprias plantas medicinais, ou com as que lhes forneciam os herboristas, converteram-se em poucos anos em verdadeiras fábricas onde vieram a nascer padrões farmacológicos*. A morfina não trazia apenas o consolo para os azares da vida, mas também os alicerces de um negócio de grandes proporções.

Em Darmstadt, o proprietário da farmácia Engel, Emanuel Merck, distinguiu-se como precursor desta tendência e, em 1827, enunciou como filosofia empresarial o seu propósito de fornecer alcaloides e outros fármacos sempre com a mesma qualidade. Foi assim que nasceu não apenas a que é hoje a próspera empresa Merck, mas também a indústria farmacêutica alemã em geral. Com a invenção da seringa, em 1850, a marcha triunfal da morfina já não se deteria. Este analgésico foi empregue, em massa, na Guerra Civil americana (1861-1865) e na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), em que as injeções de morfina se tornaram habituais². A sua influência foi decisiva, para o bem e para o mal: para o bem porque conseguia apaziguar o suplício dos feridos graves; e para o mal porque tornava

* Entre os precursores desta atividade farmacológica contam-se muitos mosteiros cristãos, onde, já desde a Idade Média, se faziam medicamentos em grande escala, que eram exportados mesmo para fora da área de influência de cada um. Em Veneza (onde abriu em 1647 a primeira casa da Europa com serviço direto de café para o público), já se produziam preparados químicos e farmacêuticos desde o século XIV.

possível o alargamento da escala das guerras, já que, se os soldados antes ficavam fora de combate por períodos mais prolongados por causa de uma ferida, podiam então recuperar rapidamente as suas forças para serem reenviados para a frente de batalha.

Com a morfina, designada também por *morphium*, a evolução dos métodos de analgesia e de anestesia atingiu o auge de forma decisiva, influenciando na mesma medida as forças armadas e a sociedade civil. Do operário ao aristocrata, a panaceia impôs-se em todo o mundo, da Europa à Ásia, passando pela América. Nessa época, nas *drugstores* disseminadas de uma costa à outra dos Estados Unidos, vendiam-se sem receita dois produtos especialmente atraentes: por um lado, serviam-se sumos com morfina como sedativos e, por outro, faziam-se cocktails com cocaína (como, de início, o vinho da marca *Mariani*, um Bordéus com extrato de coca, ou também a *Coca-Cola**) para combater o desânimo, como indutor de euforia hedonista ou como anestésico local. A nova indústria quis diversificar-se rapidamente e teve de criar novos produtos. Em 10 de agosto de 1897, Felix Hoffmann, químico da empresa Bayer, sintetizou o ácido acetilsalicílico a partir de um princípio ativo encontrado na casca dos salgueiros. O produto foi lançado com o nome comercial de *Aspirin* e conquistou o mundo. Onze dias depois, o mesmo investigador inventou o que seria a primeira *designer drug*, ou droga sintética de fabrico químico, que viria a causar furor em todo o mundo: a diacetilmorfina, derivada da morfina. Foi posta à venda com o nome de heroína, iniciando desse modo a sua marcha triunfal. «A heroína é um belo negócio», prognosticaram, com orgulho, os diretores da Bayer, empresa que comercializou o medicamento para combater a dor de cabeça e o mal-estar e até como xarope infantil para a tosse, defendendo, além disso, que os lactentes o podiam tomar em caso de cólicas intestinais ou problemas de sono⁴.

* Por volta de 1885, o farmacêutico americano Pemberton combinou cocaína com cafeína para obter uma bebida refrescante que não tardou também a vender-se como remédio para todos os males, chamada *Coca-Cola* (ou, como se popularizou, *Coke*). Supõe-se que, até 1903, a *Coke* original contivesse um máximo de 250 miligramas de cocaína por litro³.

O negócio não floresceu só para a Bayer. Já no final do século XIX, estabeleceram-se vários centros farmacêuticos modernos ao longo do Reno. Do ponto de vista estrutural, os astros alinharam-se — por um lado, a fragmentação territorial do império alemão fazia com que não houvesse capital bancário suficientemente concentrado para investir nem predisposição para correr grandes riscos em investimento, o que era precisamente o que interessava ao setor farmacêutico, até porque, ao contrário da indústria pesada tradicional, a produção de medicamentos requeria pouca maquinaria e pouca matéria-prima. Ou seja, investindo pouco também se podia ganhar muito. O mais importante eram a intuição e os conhecimentos, e a Alemanha, rica em capital humano, dispunha de um património praticamente inesgotável de químicos e engenheiros de formação excelente, proveniente do melhor sistema educativo do mundo. A rede de universidades e de escolas superiores técnicas era modelar — a ciência e a economia trabalhavam de mãos dadas. Investigava-se a todo o vapor e desenvolveram-se numerosas patentes. Antes do final do século, a Alemanha convertera-se, como indústria química, no «laboratório do mundo» e o selo «Made in Germany» tornou-se um sinal de qualidade em matéria de drogas.

ALEMANHA, O PAÍS DAS DROGAS

A situação não se alterou após a Primeira Guerra Mundial. Enquanto a França e a Inglaterra recorriam a estimulantes como o café, o chá, a baunilha ou a pimenta, assim como a outros remédios naturais, graças às suas colónias ultramarinas, a Alemanha, que perdera as suas possessões extraterritoriais — comparativamente escassas, aliás — devido ao Tratado de Versalhes, teve de encontrar outros rumos ou, mais precisamente, de produzir sinteticamente aquilo de que necessitava. E aquilo de que o país precisava era de estimulantes: o colapso militar deixara feridas profundas e causara todo

o tipo de lesões, tanto físicas como psicológicas. Na década de 1920, as drogas foram ganhando uma importância cada vez maior para a população deprimida que habitava na Alemanha, do Mar Báltico aos Alpes. E o *know-how* necessário para as fazer estava disponível.

Foi assim criado o caminho para uma indústria farmacêutica moderna. Muitas substâncias químicas que hoje conhecemos foram desenvolvidas, e as respectivas patentes registadas, num período muito curto. As empresas alemãs alcançaram assim uma posição de liderança no mercado mundial. Não só produziam a maioria dos remédios como também forneciam a todos os cantos do mundo o princípio ativo dos ingredientes químicos necessários ao seu fabrico. Nasceram assim uma *New Economy* e um *Chemical Valley* entre Oberursel e Odenwald. De um dia para o outro, pequenas empresas que ninguém conhecia prosperaram e converteram-se em empresas influentes. Em 1925, as grandes fábricas químicas fundiram-se no grupo IG Farben, dando origem a uma das mais poderosas empresas do mundo com sede em Frankfurt. Os opiáceos continuaram assim a ser uma especialidade alemã. Em 1926, já o país encabeçava a lista dos países produtores de morfina, sendo líder mundial na exportação de heroína — os outros países eram o destino de 98 por cento da sua produção⁵. Entre 1925 e 1930, foram produzidas 91 toneladas de morfina, o que equivaleu a cerca de 40 por cento da produção mundial⁶. A Alemanha teve, entretanto, de assinar um acordo internacional com a Sociedade das Nações em 1925, decorrente do Tratado de Versalhes, sobre o controlo do ópio, que pretendia regular a movimentação da substância. Berlim só o ratificou em 1929, ano seguinte àquele em que a indústria alemã dos alcaloides conseguiu refinar 200 toneladas de ópio⁷.

Os alemães também foram líderes de mercado noutro produto: as empresas Merck, Boehringer e Knoll dominavam 80 por cento do mercado mundial da cocaína. A que era fabricada nos laboratórios Merck, em Darmstadt, era considerada a melhor do planeta, e o produto e as etiquetas chegaram a ser pirateados pelos chineses⁸. Hamburgo tornou-se no principal centro europeu de distribuição

de cocaína em estado bruto e, por ano, milhares de quilos eram ilegalmente importados através deste porto. Era o caso do Peru, que enviava para a Alemanha quase toda a sua produção anual de cocaína em estado bruto (mais de cinco toneladas) para que ali fosse transformada. O influente Comité do Ópio e da Cocaína, constituído pelos fabricantes alemães de drogas para representar os interesses do setor, trabalhou incansavelmente para estreitar as relações entre o governo alemão e a indústria química. Dois cartéis, formados por um punhado de empresas, dividiram entre si, graças a outro acordo de cartelização, o lucrativo mercado de «todo o mundo»: a Convenção da Cocaína e a Convenção do Ópio. A Merck assumiu a liderança das duas¹⁰. A jovem república, banhando-se em substâncias estupefacientes e alteradoras da consciência, fornecia heroína e cocaína a todos os cantos do mundo, transformando-se no *dealer* global.

A QUÍMICA DOS ANOS VINTE

Este desenvolvimento científico e económico também teve correspondência no espírito da época. Os paraísos artificiais estavam em voga na República de Weimar. As pessoas preferiam evadir-se para mundos fictícios em vez de enfrentarem uma realidade muitas vezes pouco cor-de-rosa, fenómeno este que definiu na perfeição, tanto política como culturalmente, a primeira democracia criada em território alemão. A população não quis reconhecer os verdadeiros motivos da derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial e erradicou das suas consciências a corresponsabilidade do *establishment* nacional-imperial no fiasco militar. Propagava-se a lenda maligna daquilo a que então se chamou «a punhalada nas costas», ou seja, a crença de que os exércitos alemães haviam sido derrotados, única e exclusivamente, por terem sido sabotados a partir da sua própria pátria, nomeadamente pela esquerda¹¹.

Esta tendência de fugir à realidade traduziu-se com frequência no ódio puro e no excesso cultural. O romance *Berlim Alexanderplatz*, de Alexander Döblin, não foi a única obra literária que retratou a capital alemã do pós-guerra como a prostituta da Babilônia, com um submundo que é o mais miserável de todas as cidades e onde se procura a redenção pelas piores formas de devassidão imagináveis, incluindo, naturalmente, os estupefacientes. «A vida noturna berlinense, Rapaz-Rapaz, não a conhece ainda o mundo! O que tivemos foi um Exército de excelência! Agora temos perversões de excelência!», salientou o escritor Klaus Mann¹². A cidade do rio Spree transformou-se num sinónimo de depravação. Quando o marco caiu a pique devido à emissão contínua de moeda destinada a saldar a dívida do país e, no outono de 1923, se alcançou o impossível valor de câmbio de 4,2 mil milhões de marcos por um dólar americano, não foi só a moeda que se afundou. Os valores morais afundaram-se com ela.

O delírio toxicológico envolveu tudo. O símbolo da época, que era a atriz e dançarina Anita Berber, embebia pétalas de rosas brancas num cocktail de clorofórmio e éter e chupava-as logo ao pequeno-almoço: *wake and bake*. Os filmes sobre cocaína e *morphium* passavam nos cinemas e nas esquinas vendiam-se drogas sem necessidade de receita. Aparentemente, cerca de 40 por cento dos médicos berlinenses eram viciados em morfina¹³. No bairro antigo de Friedrichstadt, em Berlim, comerciantes chineses, oriundos da antiga concessão colonial de Kiau Chau, acolhiam os fumadores de ópio. Nos quartos interiores do distrito de Berlin-Mitte abriam-se bares noturnos clandestinos. Os traficantes distribuía folhetos perto da estação de Anhalter para publicitar as festas ilegais e as chamadas «noites de beleza». Clubes noturnos de grandes dimensões, como o famoso Haus Vaterland da Potsdam Platz, ou o salão de baile Resi na Blumenstrasse — célebre pela promiscuidade desenfreada que reinava no seu interior —, e outros estabelecimentos de menor capacidade, como o Kakadu Bar ou o Weisse Maus, em cuja entrada se distribuía máscaras para garantir o anonimato dos clientes, atraíam as massas ávidas de diversão. Ganhou raízes em Berlim uma

forma precursora do turismo de ócio e drogas procedente dos países ocidentais vizinhos e dos Estados Unidos porque tudo se tornara tão excitante como acessível.

Perdida a guerra à escala mundial, tudo era permitido e a grande metrópole transformou-se na capital europeia da experimentação. Apareciam cartazes nas paredes com avisos vibrantes em letras de estilo expressionista: «*Berlim, para com isso, toma atenção que o teu parceiro de dança é a morte!*» A Polícia deixou de intervir. As alterações da ordem pública foram, de início, esporádicas mas depois tornaram-se crónicas. A cultura da diversão preenchia o vazio da melhor maneira que pudesse, como mostra esta canção popular da época:

*Primeiro foi o álcool,
Esse monstro doce,
Que nos levou a um prazer canibal,
E que agora já é caro.
É por isso que nós, berlinenses,
Nos voltamos para a cocaína e o morphium
E, haja lá fora trovões ou relâmpagos,
Snifamos e injetamo-nos!
[...]*

*O criado no restaurante
Serve frasquinhos de coca,
Vivemos então algumas horas
Numa estrela melhor.
A morfina (subcutânea) faz efeito
No órgão central, instantânea,
Para incendiar os ânimos,
Snifamos e injetamo-nos!*

*Os remédios estão proibidos
Pela lei dos de lá de cima,
Mas o que é oficialmente abolido*

*É aquilo com que hoje se trafica.
Assim surge rápida a euforia
E ainda que o Mal nos abata
Como faz ao querido gado,
De olhos fechados continuamos,
Snifamos e injetamo-nos!*

*E injetamo-nos no manicómio
E snifamos até à morte
Oh, querido Deus, que pior encómio
É neste mundo viver!
Sem isso é a Europa
Uma casa de loucos, e no Paraíso
Vamos festejar
Snifando e injetando-nos!¹⁴*

Em 1928, só em Berlim, venderam-se com receita médica nas farmácias 73 quilos de morfina e de heroína¹⁵. Quem podia, consumia cocaína, que era a arma definitiva para tornar o presente mais intenso. Era inalar e sentir: «Momento, detém-te, és tão belo.» A cocaína disseminou-se por todo o lado e passou a ser o símbolo de uma época de libertinagem. Os comunistas e os nazis, que competiam pelo poder da rua, denunciavam-na como «veneno da degeneração». As reações a esta vaga de desinibição multiplicaram-se. Os extremistas nacionalistas atacaram a «decadência moral», crítica que também era feita pelos setores conservadores. Mesmo quando se aceitou, com orgulho, a ascensão de Berlim à categoria de metrópole cultural, a burguesia, perdido o estatuto social que antes detivera, mostrou o seu desagrado e condenou radicalmente a cultura da diversão e das massas considerando-a um exemplo da decadência ocidental.

Mas a pior campanha de oposição à salvação farmacológica, na época de Weimar, foi a do movimento nacional-socialista. O seu indistinto alheamento do sistema parlamentar, da própria democracia,

que desprezava, e da cultura urbana de uma sociedade em processo de abertura, encontrou um meio de expressão na verborreia identitária contra a conjuntura do que era apresentado como a degradação em que se encontrava a odiada «república judaica».

Os nazis consideravam ter a receita para a recuperação da saúde do povo e prometiam uma cura ideológica. Para eles, o único êxtase legítimo que poderia haver era o nacional-socialismo porque o nacionalismo também aspirava a ser transcendente: o mundo ilusório dos nacional-socialistas, onde deviam mergulhar os alemães, recorreu desde o início às técnicas do espetáculo para movimentar as massas. Como já se indicava no incendiário texto de Hitler, *Mein Kampf*, as decisões fundamentais para a História universal deviam impor-se em circunstâncias de entusiasmo extático ou, sendo necessário, de histeria. O Partido Nazi impunha-se, utilizando por um lado argumentos populistas e, por outro, organizando desfiles com archotes, consagração de bandeiras, manifestações de exaltação e discursos públicos destinados a criar um estado de êxtase coletivo. A estes fatores juntaram-se os «delírios de violência» da SA (as tropas de assalto nazis) no período denominado como *Kampfzeit* (o período da conquista do poder), com frequência estimulados por um consumo excessivo de álcool*. A *realpolitik* era considerada uma simples política de negociações sem heroísmo e a política, em geral, devia ser substituída por uma espécie de estado de êxtase social¹⁶. Se a República de Weimar, numa perspectiva psico-histórica, for considerada uma sociedade que procurava suplantiar o regime monárquico anterior, os que seriam os seus antagonistas (nacional-socialistas) foram a guarda avançada desta corrente. E odiavam as drogas porque queriam ser eles a produzir o mesmo efeito.

* A fundação do NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães), em 24 de fevereiro de 1920, foi feita numa cervejaria de Munique, a *Münchner Hofbräuhaus*. No início, o álcool teve um papel destacado nos rituais de iniciação dos laços de camaradagem masculina entre o partido nazi e as tropas da SA. Não analisamos ao pormenor o consumo do álcool no Terceiro Reich porque vai além deste âmbito, embora mereça uma explicação em separado.

MUDA O PODER, MUDA A DROGA

«[...] enquanto se cala o abstinente Führer.»

GÜNTER GRASS¹⁷

O círculo mais íntimo de Hitler conseguiu, já na época de Weimar, estabelecer a imagem de um homem que trabalhava sem cessar e que punha a sua existência completamente ao serviço do «seu» povo. Era um líder intocável que tinha como única e exclusiva missão a tarefa hercúlea de enfrentar os problemas e as dificuldades sociais e as consequências negativas da guerra perdida. Um companheiro de armas de Hitler explicou-o deste modo em 1930: «É só génio e corpo. E disciplina de tal modo esse corpo que, se fosse o nosso, nos lamentaríamos! Não fuma, não bebe, quase só come legumes e não toca em mulheres.»¹⁸ Segundo este retrato, Hitler não bebia café, chegou a atirar ao Danúbio o seu último maço de cigarros ao passar por Linz no final da Primeira Guerra Mundial e, desde então, nenhum outro veneno lhe entrou no corpo.

«Nós, os abstinentes, temos — diga-se de passagem — um motivo especial para estarmos agradecidos ao nosso Führer se pensarmos em como pode o seu comportamento pessoal e a sua opinião sobre as drogas ser um modelo para todos», afirmava-se num folheto de uma associação de abstinentes¹⁹. O chanceler do Reich era, segundo parecia, uma pessoa pura, inimiga dos prazeres mundanos e sem vida privada, com uma existência marcada pelo que diziam ser uma renúncia e um sacrifício constantes. Era um modelo para uma existência completamente saudável. O mito de Hitler inimigo das drogas e abstinente, que secundarizava as suas necessidades pessoais, foi um elemento essencial da ideologia nacional-socialista e não deixou de ser posto em cena várias vezes pelos meios de comunicação social. O mito criou raízes na opinião pública e até nos pensadores mais críticos, e ainda hoje persiste. Mas é um mito que deve ser desconstruído.

Depois da tomada do poder, em 30 de janeiro de 1933, os nacional-socialistas asfixiaram rapidamente a alegre cultura do prazer da República de Weimar e todas as suas manifestações públicas e ambivalências. As drogas foram proibidas porque permitiam experimentar irrealidades que divergiam do que afirmavam os nacional-socialistas, e esses «venenos sedutores»²⁰ não podiam ter lugar num sistema onde só o Führer podia seduzir. O caminho empreendido pelos governantes no que era designado como uma «luta» contra as drogas não foi tanto o de reforçar a já existente Lei do Ópio, herdada do período de Weimar²¹, mas também o de criar várias disposições que, embora fossem ligeiramente diferentes, estavam todas ao serviço da ideia fundamental nacional-socialista de «higiene racial». Ao conceito de «droga», que na sua origem teve o significado completamente neutro de «planta seca»*, atribuíram-se valores negativos. O seu consumo foi estigmatizado e objeto das punições mais extremas, com a ajuda de departamentos de polícia criminal criados a toda a velocidade com esse preciso efeito.

Esta nova orientação fez-se sentir já em novembro de 1933, quando o Reichstag (o parlamento), devidamente controlado, aprovou uma lei que permitia internar de forma coerciva as pessoas que se deixavam viciar em drogas num estabelecimento fechado, por um período que podia ir até dois anos, e que podia ser prolongado por um período ilimitado por decisão judicial²². Entre outras medidas, decretava-se a sanção, que podia ir até aos cinco anos, de impossibilidade de praticar destinada aos médicos que consumissem estupefacientes. Ao mesmo tempo, a obrigação do sigilo profissional médico foi revogada para poder ser feito um registo de consumidores de substâncias ilegais. O presidente da Câmara dos Médicos de Berlim

* A palavra «droga» provém, etimologicamente, do holandês «*droog*», que significa «seco». Era assim que, no período colonial holandês, se denominavam os produtos estimulantes desidratados que chegavam das colónias, como as especiarias ou o chá. Antigamente, na Alemanha, todas as plantas, partes de plantas, fungos e animais que tivessem uso farmacêutico e que fossem sujeitos a um processo de desidratação, eram consideradas «drogas», tal como aconteceu mais tarde com a maioria dos remédios e produtos médicos (o que levou à designação de «drogaria» para os seus postos de venda.

decretou que os profissionais deviam emitir uma «comunicação de envenenamento» de cada vez que ministrassem estupefacientes a um paciente durante mais de três semanas, acrescentando que «a segurança pública está ameaçada por praticamente todos os casos de abuso crónico de alcaloides.»²³ Quando se registava um aviso deste tipo, a pessoa em questão era examinada por dois especialistas. Se a valorização da predisposição genética fosse «correta», o indivíduo era de imediato submetido a uma desintoxicação pela força. Enquanto na República de Weimar se praticavam períodos de desmame mais lentos ou suaves, no Terceiro Reich optou-se por repreender e castigar o toxicodependente e não lhe evitar o sofrimento causado pela síndrome da abstinência²⁴. Se os resultados do exame de predisposição genética fossem negativos, um tribunal ainda podia decretar o internamento por tempo indeterminado. E os consumidores de drogas também acabaram por ir parar aos campos de concentração²⁵.

- Zentralkartei -
Nummernreiter bedeuten:

1 Händler [inländische]	10 Betrüger u. Etikettfälscher	19 Händler [internationale]
2 Verbraucher	11 Suchtigelährdete	20 Dicodeidsüchtige
3 Kokainsüchtige	12 Ärzte [altgemein]	21 Kriegsbeschädigte
4 Sonstige Süchtige	13 Apotheker [altgemein]	22 Künstler
5 Rezeptfälscher	14 Apotheker [Vollstädte ges. d. VVO]	23 Heil- u. Pflegepersonal
6 Rezeptdiebe	15 Dolantinsüchtige	24
7 Btm.-Diebe u. Einbrecher	16 Pervitinsüchtige	25 Berufsuntersagung
8 Pantoponsüchtige	17 Opiumsüchtige	26 Eukodalsüchtige
9 Ärzte [Vielverschreiber]	18 Morphiumsüchtige	27
<u>Farbige Reiter bedeuten:</u>		28 Selbstmörder
Lila: Juden		Rot: Zur Entziehungskur Untergebrachte
Gelb: Berliner Täter <small>aus den Jahren 1927-35</small>		Grün: Nach 1931 Süchtiggewordene
Schwarz: <small>In polizeiliche Vorbeugungshaft genommene Täter</small>		Blau:

Ficha de registo da Central do Reich para a Luta contra os Delitos por Estupefacientes, elemento que podia ser determinante para uma decisão de vida ou de morte²⁶.

Além disso, todos os alemães foram exortados a «transmitir observações sobre familiares e conhecidos, que padeçam de alguma dependência de drogas, para lhes serem aplicadas medidas corretivas imediatas»²⁷, tendo sido criados ficheros para se integrarem num registo completo. Deste modo, os nazis não tardaram a instrumentalizar a sua luta específica contra os estupefacientes como elemento de um Estado policial. Em cada canto do Reich, a ditadura pôs em prática o que designou por «gestão sanitária». Em cada região administrativa do Partido nazi havia um Grupo de Trabalho para a Luta contra a Droga em que, numa rede ampla, trabalhavam médicos, farmacêuticos, elementos da segurança social, da justiça, das Forças Armadas e da Polícia, além da organização Bem-Estar Popular Nacional-Socialista. Os fios desta extensa rede convergiam para o Serviço de Saúde do Reich (*Reichsgesundheitsamt*), em Berlim, no Departamento Principal II do Comité do Reich para a Saúde Popular. Era daí que saía a imposição de um «dever sanitário» que tinha por objetivo a «contenção total de todas as lesões detetadas de índole física, mental e social que possam ter origem no abuso tanto de substâncias tóxicas alheias à espécie como de tabaco e de álcool.» A publicidade aos cigarros foi fortemente limitada e o consumo de drogas foi proibido, «para erradicar o que resta do ideal de vida internacional existente entre o nosso povo.»²⁸

No outono de 1935, e no âmbito da Lei da Saúde Matrimonial (*Ehegesundheitsgesetz*), foram proibidos os casamentos em que um dos noivos padecesse de «transtorno mental». Os toxicodependentes foram automaticamente incluídos nesta categoria e estigmatizadas como «personalidades psicopatas» — e sem garantia de cura. Esta proibição de contrair matrimónio teve como objetivo impedir «o contágio do cônjuge, bem como o potencial viciante hereditariamente condicionado» dos filhos, por se ter encontrado «uma grande quantidade de desvios mentais em descendentes de toxicodependentes»²⁹. A Lei de Prevenção da Descendência com Doenças Hereditárias teve como consequência brutal a esterilização forçada:

«Por motivos de higiene racial devemos ter o cuidado de afastar da reprodução os viciados de grau muito elevado.»³⁰

Mas o pior ainda estava por vir. Fazendo um uso propagandístico do conceito de eutanásia, nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, foram assassinados «doentes mentais criminosos», entre os quais foram incluídas também pessoas que consumiam drogas. Não é possível calcular o número de mortos causados por esta decisão³¹, mas sabe-se que o fator que determinava o destino de quem era avaliado era o sinal que constava da ficha de registo: o sinal de mais (+) significava injeção mortífera ou a câmara de gás e um sinal de menos (-) o seu adiamento. Se a eliminação se fazia com uma sobredose de morfina, esta era por vezes fornecida pela Central do Reich para a Luta contra os Delitos por Estupefacientes, o primeiro órgão de polícia criminal de âmbito nacional, criado em 1936 a partir da Brigada Antivício de Berlim. Segundo se contou entre os médicos que tinham por função selecionar as vítimas, reinava uma «solenidade inebriante»³². A política antidroga serviu, deste modo, de veículo de exclusão e repressão e, até, de extermínio de grupos marginais e de minorias.

A POLÍTICA ANTIDROGA COMO POLÍTICA ANTISSEMITA

«O judeu tentou, pelos meios mais refinados, intoxicar o espírito e a alma do indivíduo alemão e encaminhar o seu pensamento por caminhos antialemães que só conduzem à perdição [...] Esta infeção judaica poderia provocar uma doença nacional e a morte do povo. Eliminá-la por completo do corpo do povo é também um dever da gestão sanitária.»³³

BOLETIM MÉDICO DA BAIXA SAXÓNIA, 1939

A terminologia racista do nacional-socialismo foi marcada, desde o início, pelo tema da toxicidade e pelas metáforas da infeção e do veneno.

Os judeus eram comparados com bacilos, ou germes patogénicos, e deles se dizia que eram substâncias estranhas que envenenavam o Reich e que faziam adoecer o organismo social saudável, sendo, por isso, necessário segregá-los ou eliminá-los. Hitler enunciou-o deste modo: «Já não pode haver qualquer compromisso porque isso seria um veneno que nós próprios tomaríamos.»³⁴

Mas onde o veneno existia era na linguagem que desumanizou os judeus, na fase prévia do seu assassinato em massa. As leis raciais de Nuremberga, de 1935, e a introdução do passaporte genealógico ariano (o *Ahnenpass*) tinham como pressuposto a reivindicação da pureza de um sangue que, para os nacional-socialistas, era o bem do povo que era o mais precioso e o mais carente de proteção. É aqui que se encontra a interseção entre a perseguição antissemita e a política antidroga, num espaço intermédio onde não era a dose que determinava o veneno mas a sua condição de elemento estranho e estrangeiro, e onde se destaca uma frase, tão anticientífica como fundamental, da obra *Magische Gifte* («Venenos Mágicos»), então utilizada como obra de referência: «O maior efeito tóxico é sempre produzido por substâncias inebriantes estrangeiras ao país e à raça.»³⁵ Os judeus e as drogas fundiram-se numa unidade tóxica e infecciosa que ameaçava a Alemanha: «Durante dezenas de anos, a perspetiva judaico-marxista tentou convencer o nosso povo de que “o teu corpo pertence-te”, dando a entender que nas reuniões de homens entre si ou entre homens e mulheres é possível beber qualquer quantidade de álcool, mesmo à custa da saúde do corpo. Esta conceção judaico-marxista é incompatível com a conceção germânico-alemã, segundo a qual somos os portadores do património hereditário dos nossos antepassados, sendo que, por isso, o nosso corpo pertence ao clã e ao povo.»³⁶

O *Hauptsturmführer*-SS e comissário da polícia criminal Erwin Kosmehl, nomeado em 1941 diretor do Gabinete Central do Reich para a Luta contra os Delitos por Estupefacientes, seguiu esta mesma argumentação, ao afirmar que «os judeus ocupam uma posição destacada» no mercado mundial das drogas e que a sua função visava «neutralizar os criminosos internacionais, cujas raízes se encontram

com frequência no judaísmo.»³⁷ O Gabinete para a Política da Raça do Partido nazi garantiu que o caráter judaico era, só por si, toxicodependente e que o intelectual judeu urbano procurava repetidamente a cocaína ou a morfina para acalmar os seus «nervos excitados» e obter uma sensação de paz e de segurança interior. Dizia-se dos médicos judaicos que, entre eles, «proliferava frequentemente o morfínismo.»³⁸

No livro infantil antissemita *Der Giftpilz* («O Cogumelo Venenoso»)³⁹, os nacional-socialistas associaram os judeus às drogas — os



A mistura entre a luta contra a droga e o antissemitismo também estava presente nos livros infantis. Como se lê na legenda: «É tão difícil diferenciar os cogumelos comestíveis dos cogumelos venenosos como distinguir um judeu de um trapaceiro ou de um criminoso.»

papões que simbolizavam o inimigo — numa obra de propaganda de higiene racial que foi muito lida nas escolas e nos infantários por todo o Reich. A história dava o exemplo e a mensagem não oferecia dúvidas: era necessário erradicar os cogumelos venenosos.

As estratégias seletivas do combate às drogas foram dirigidas contra um estrangeiro que era visto como uma ameaça e visavam excluir todos os que não se ajustavam ao ideal social, ganhando quase automaticamente uma conotação antissemítica no contexto do nacional-socialismo. Quem quer que consumisse drogas sofria de uma «peste estrangeira»⁴⁰. Os vendedores de estupefacientes eram apresentados como desprovidos de escrúpulos, gananciosos e alheios à nação e o consumo de drogas era visto como um ato «racialmente inferior», considerando-se ainda que a criminalidade que lhe estava associada era uma das maiores ameaças à sociedade.

É assustador como alguns destes conceitos ainda hoje nos são familiares. Conseguimos acabar com outras monstruosidades lexicais do nacional-socialismo mas interiorizámos a terminologia da luta contra a droga. Hoje já não se fala de judeus contra alemães, mas continuam a existir os perigosos traficantes que vêm de outras paragens. E a questão de saber se o nosso corpo nos pertence ou se pertence a um emaranhado jurídico-social de interesses sociais e de política sanitária continua a ser bastante polémica.

O MÉDICO DOS FAMOSOS DA KURFÜRSTENDAMM

«Judeu» foi a palavra escrita, numa noite de 1935, na placa do consultório médico da Bayreuther Strasse do bairro berlinense de Charlottenburg. Na manhã seguinte, o nome do médico, um especialista em doenças dermatológicas e sexualmente transmissíveis, já não se conseguia ler e a única coisa que se via era o horário das consultas: «Dias úteis das 11h às 13h e das 17h às 19h e aos sábados só à tarde.» O médico, de nome Theodor Morell, reagiu ao ataque

de uma maneira tão habitual na época como miserável⁴¹: inscreveu-se apressadamente no Partido nazi para evitar mais ataques. Morell não era judeu, mas o seu tom de pele escuro levantara suspeitas, infundadas, de que o seria, junto da SA.

Depois de Morell estar registado como membro do partido, o seu consultório passou a funcionar melhor do que nunca. E o médico percebeu logo que precisava de mais espaço, decidindo mudar-se para um luxuoso prédio de estilo imperial, da época dos fundadores das grandes empresas do século XIX, na esquina da luxuosa avenida Kurfürstendamm com a Fasanenstrasse. Quem participa, ganha — este foi um ensinamento de que Morell nunca se esqueceu até ao final da sua vida. A política, até então, nunca interessara ao rotundo médico natural de Hesse. A satisfação que tornava a sua vida mais agradável tinha a ver com o doente que se sentisse melhor depois de um tratamento, que pagasse religiosamente a conta e que voltasse a uma consulta assim que pudesse. Para o garantir, Morell desenvolveu uma série de estratégias que lhe permitiam ganhar vantagens sobre os outros médicos da *Ku'dam*, com quem competia para atrair clientes. Aliás, o seu consultório não tardou a revelar-se um dos mais lucrativos do lado ocidental da cidade. Equipado com aparelhos de raios-X de alta frequência que eram os mais modernos do mercado, equipamento para diatermia, banhos hidroelétricos e máquinas de radiação — quase tudo comprado com a fortuna da sua mulher Hanni —, o consultório deste ex-médico da Marinha que trabalhara nos Trópicos tornou-se um centro de peregrinação das celebridades da capital do Reich: o pugilista Max Schmeling, a amante do cantor e ator Hans Albers, a atriz Marianne Hoppe, vários condes e embaixadores, desportistas de sucesso, figuras da economia, luminares da ciência, políticos, mais de metade do mundo do cinema, e muitos outros, aí se dirigiam, à procura de métodos de tratamento inovadores ou — como diziam as más línguas — de tratamento para doenças inexistentes.

No entanto, houve um domínio em que este médico astuto e egocêntrico foi pioneiro: o das vitaminas. Nessa altura, na realidade, não se sabia muito sobre esta ajuda invisível de que o corpo pode

necessitar, e até desesperadamente em certos processos metabólicos, sem poder produzi-las. Em situações de grande carência, os complexos vitamínicos injetados diretamente no sangue têm um efeito quase milagroso. E foi nisto que Morell se baseou, na sua estratégia de manter os pacientes interessados. E, não sendo as vitaminas suficientes, acrescentava um estimulante para a circulação ao complexo que injetava, muito possivelmente testosterona para os homens, com um efeito paralelo anabolizante que aumentava a musculatura e a potência, e um suplemento energético para as mulheres, à base de extrato de beladona, que realçava a impressão hipnótica de uns olhos bonitos. Quando uma atriz de teatro acorria, melancólica, à sua consulta para que Morell a ajudasse a livrar-se do pânico do palco antes de uma estreia no Admiralspalast, Morell não hesitava em pegar na seringa com as suas mãos de veludo. Dizia-se que dominava como ninguém a arte da injeção. E até corria o rumor de que nessa altura era mesmo impossível notar os sinais das picadas apesar do tamanho do instrumento.

O êxito de Morell ultrapassou os muros de Berlim e, na primavera de 1936, o seu telefone da sala de tratamentos começou a tocar, apesar de os seus assistentes estarem terminantemente proibidos de o incomodar durante as horas de consulta. Mas não era um telefonema qualquer. Provinha da Casa Castanha, a sede central do partido em Munique. Do outro lado da linha, estava um homem chamado Schaub, que se apresentou como ajudante de campo de Hitler, comunicando-lhe que Heinrich Hoffmann, o «fotógrafo oficial do NSDAP», padecia de uma doença delicada. Schaub disse-lhe que o partido queria que ele se ocupasse do assunto, na sua qualidade de especialista, destacado mas discreto, em doenças sexualmente transmissíveis, até porque, por prudência, preferiam não ir a um médico de Munique. Além disso, o próprio Hitler, pessoalmente, pusera um avião para seu uso no aeródromo de Gatow, acrescentou Schaub, num pormenor decisivo.

Morell não gostava de surpresas, mas também não podia rejeitar o convite. Chegado a Munique, foi hospedado por conta do erário público no luxuoso hotel Regina Palast, curou a pielonefrite contraída

por Hoffmann devido a uma gonorreia — popularmente conhecida por «esquentamento» — e foi convidado pelo seu influente paciente a acompanhá-lo numa viagem de convalescença a Veneza, na companhia da sua mulher.

Regressados a Munique, os Hoffmanns ofereceram um jantar no seu palacete do distinto bairro de Bogenhausen. Havia esparguete com noz moscada, molho de tomate à parte e salada verde, o prato preferido de Adolf Hitler. O Führer era um convidado habitual dos Hoffmanns, a quem o unia uma relação próxima que remontava à década de 1920 quando o fotógrafo contribuiu substancialmente com as suas encenações fotográficas para o culto do Führer e da ascensão do nacional-socialismo. Possuidor dos direitos de autor de importantes negativos de Hitler, utilizou-os para publicar livros de fotografias com títulos como *Hitler Como não o Conhecem* e *Um Povo Homenageia o seu Führer*, dos quais se venderam milhões de exemplares. Havia, além disso, outro motivo, mais pessoal, que unia os dois homens: a amante de Hitler, Eva Braun, trabalhara de início como assistente de Hoffmann e fora este que a apresentara ao líder nacional-socialista em 1929, no seu estúdio fotográfico de Munique.

Antes do jantar, Hitler, a quem Hoffmann falara muito bem do jovial Morell, mostrou-se agradecido pela recuperação do seu antigo camarada e lamentou não ter conhecido antes o médico porque, desse modo, talvez o seu motorista, Julius Schreck, morto por uma meningite meses antes, estivesse ainda vivo. O cumprimento enervou Morell, que quase não falou enquanto comia o esparguete. O médico sabia que, pela sua cara rechonchuda, óculos redondos apoiados num nariz abatado e suor constante, não era uma pessoa socialmente aceitável nos círculos mais distintos. A sua única possibilidade de obter um reconhecimento era as injeções que dava. Por isso, até pensou que nem estava a ouvir bem quando, ao longo da noite, Hitler se referiu ocasionalmente a umas dores fortes sentidas no estômago e nos intestinos que o atormentavam há anos. Morell apressou-se por isso a falar de um tratamento invulgar que poderia revelar-se benéfico. Observou Hitler como se o examinasse... e este convidou-o

a ir, com a mulher, para o consultar, em Berghof, a residência de descanso do Führer situada na localidade alpina de Obersalzberg, perto de Berchtesgaden.

Poucos dias depois, já em Obersalzberg, o ditador admitiu com franqueza, numa conversa privada com Morell, que se sentia tão em baixo que mal se podia mexer. Segundo lhe disse, o seu estado devia-se aos tratamentos erróneos que os seus antigos médicos lhe haviam imposto e que não lhes ocorria outra coisa que não fosse porem-no de dieta. Quando era obrigado a comer mais, porque no programa do dia havia uma refeição oficial abundante, o que ocorria com frequência, sofria de imediato de umas flatulências indescritíveis, acompanhadas de eczemas em ambas as pernas que lhe provocavam muita comichão, sendo obrigado a andar com ligaduras e não podendo por isso calçar botas.

Morell julgou reconhecer de imediato a causa das queixas de Hitler e diagnosticou-lhe uma flora intestinal fora do normal, que estaria na origem das suas más digestões. Recomendou-lhe depois o preparado *Mutaflor*, feito por um médico bacteriologista de Freiburg, que era seu amigo, Alfred Nissle. Era uma estirpe bacteriana que havia sido retirada, na sua origem, da flora intestinal de um suboficial que, ao contrário dos seus companheiros, sobrevivera à guerra nos Balcãs sem sofrer transtornos gástricos. As bactérias vivem em cápsulas que colonizam os intestinos, cobrindo por completo a sua superfície e substituindo qualquer outra estirpe que possa gerar doenças⁴². Este conceito, que é realmente eficaz, convenceu Hitler que parecia também ver nos processos fisiológicos internos uma luta pelo *Lebensraum*, o «espaço vital» da expansão alemã. Exultante, prometeu uma casa a Morell se o *Mutaflor* efetivamente o curasse e nomeou o rotundo clínico seu médico pessoal.

Quando Morell disse à mulher qual a sua nova posição, Hanni mostrou-se pouco entusiasmada. Ao comentar que essa distinção não lhes fazia falta, pensava no modo como as coisas lhes corriam bem no consultório da Kurfürstendamm. Talvez pressentisse que acabaria por passar a ver menos o marido. Não se enganava porque, entre Hitler e o seu médico pessoal, ia começar uma relação muito invulgar.



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



**Uma investigação meticulosa que expõe
uma perspetiva surpreendente da Segunda
Guerra Mundial: a elevada dependência
de drogas da Alemanha nazi.**

O regime nazi pregava uma ideologia de pureza física, mental e moral. Mas, como Norman Ohler revela nesta envolvente história baseada em fontes até agora inéditas, o Terceiro Reich estava saturado de drogas: cocaína, opiáceos e, sobretudo, metanfetaminas, usadas por toda a gente — de operários fabris a donas de casa — e vitais para a resistência das tropas, explicando, em parte, o rápido avanço e a vitória alemã em 1940.

O uso promíscuo de drogas, inclusive ao mais alto nível, também afetou a tomada de decisões, com Hitler e o seu séquito a refugiarem-se em cocktails de estimulantes potencialmente letais, administrados pelo médico Theo Morell, incapazes de reverter o curso da guerra, que se virava contra a Alemanha.

Embora as drogas por si só não possam explicar as tóxicas teorias raciais dos nazis ou os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, esta descoberta leva-nos a ver os crimes de guerra cometidos contra a humanidade a uma nova luz. *Delírio Total* é, assim, uma peça crucial para entendermos a história mundial.

**« Um livro assente numa pesquisa imaculada.
Extremamente interessante.»**

Ian Kershaw

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-427-3



9 789896 684273

História e Sociedade